



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



• AUTOR PREMIADO •

Vince Vawter

# O RAPAZ DOS JORNALIS



VENCEDOR  
Newbery  
Honor  
Book



Para fãs de *Mataram a Cotovia*.

Em memória do meu pai,  
Vilas V. Vawter Jr.

## Capítulo Um

Não é por acaso que escrevo à máquina sobre a gaguez: não consigo falar.

Sem gaguejar.

Além disso prometi à Mam que nunca havia de contar o que aconteceu à minha navalha de cabo amarelo. Ela poderá argumentar que escrever à máquina é batota, mas preciso de ver as palavras no papel para ter a certeza de que tudo aconteceu tal como recordo. Confio muito mais nas palavras no papel do que em palavras no ar.

Não que fale como os animais dos desenhos animados. O que acontece é que fico preso num som ao tentar dizer uma palavra. Por vezes ela sai com um pouco de esforço. Mas outras vezes falta-me o ar e fico vermelho e com a cabeça a andar às voltas. Não há muito a fazer senão pensar noutra palavra ou continuar a tentar.

A senhora que os meus pais contrataram para me ajudar a falar está a ensinar-me um truque a que chama Ar Suave. Quer dizer que tenho de deixar sair um pouco de ar antes de ficar retido numa palavra. Quando sinto que posso ter

dificuldade a dizer uma palavra procuro apanhá-la desprevenida fazendo um som sibilante.

s-s-s-s.

Aos onze anos é melhor ser apelidado de cobra do que de atrasado mental.

Quando me acontece ficar preso numa palavra venho da escola e ponho uma folha de papel na máquina de escrever que alguém trouxe há muito do escritório do meu pai e se esqueceu de levar. A mesma em que escrevo este texto. Matraqueio as palavras que nesse dia me deram mais problemas. As minhas mãos sabem onde estão as letras e não tenho de pensar em truques para conseguir fazer sair uma palavra.

Gosto do som que as teclas da máquina de escrever fazem ao bater na fita preta: é sempre o mesmo. Nunca sei que sons me vão sair da boca. Se é que sai algum.

Só para que saibas: detesto vírgulas. Deixo-as de lado sempre que acho que posso passar bem sem elas. O professor que me ensinou a escrever dizia que uma vírgula impõe uma pausa. Eu estou sempre a fazer pausas quando tento falar. Quer queira quer não. Pausas monstruosas. Prefiro de longe escrever trezentas mil vezes «e» a uma vírgula que seja.

De tanto escrever à máquina no meu quarto as letras estão a começar a desaparecer das teclas. Mas a tecla que tem uma vírgula parece novinha em folha e por mim pode continuar como está.

\*

A Mam veio do Mississípi para Memphis quando eu tinha cinco anos. Veio viver connosco para tomar conta de mim e de uma coisa estou certo: sem ela não teria conseguido chegar aqui.

Na verdade chama-se Menina Nellie Avent. A minha mãe disse-me que a tratasse por Menina Nellie mas nunca consegui fazê-lo por causa do *N* a seguir ao *M*. O som mais próximo que conseguia articular era Mam e ela achou que estava bem assim.

Disse que fazíamos um bom par porque ela não sabia escrever muito bem e eu tinha a letra mais bonita que ela já tinha visto num homem. Foi o que me chamou desde o primeiro dia em que veio viver connosco. Homenzinho.

A Mam é a minha melhor amiga menos na altura de jogar à bola. Nessa altura é o Rat. Que na verdade se chama Art.

Era o nome que tinha escrito em letras bem legíveis na luva de basebol no primeiro dia do terceiro ano. Acontece que tive de o tratar por Rat<sup>1</sup> porque nesse dia não conseguia dizer o *A* senão com grande dificuldade. Ele deixou que eu o tratasse assim e isso fez com que eu passasse a gostar dele. Nem se parecia com uma ratazana, mas percebeu mais cedo do que os outros miúdos que Rat era o melhor que eu conseguia por causa da facilidade do *R*. A Mam chama-lhe Sr. Rat, o que me dá sempre muita vontade de rir.

É possível que deva à minha gaguez o título de melhor criador de alcunhas de Memphis.

---

<sup>1</sup> Em inglês, ratazana. [*N. T.*]

No último dia do sexto ano fiz um lance de basebol que atingiu o Rat na boca. Foi por essa razão que lhe disse que trataria das entregas de jornais em julho para que ele pudesse ir para a quinta dos avós que fica fora de Memphis. Não tinha grande vontade de fazer as entregas, mas achei que o devia ao Rat por lhe ter ferido o lábio. Suponho que o Rat tenha razão quando diz que eu me armo um pouco com os meus lançamentos em força e achei que devia pagar por isso.

Foi a fazer esse trabalho que conheci todas as pessoas que agora fazem parte da minha vida e que me aconteceu uma série de coisas más. E algumas coisas boas. Pelo menos é assim que as vejo. Ainda estou a tentar resolvê-las na minha cabeça e espero conseguir fazê-lo ao escrevê-las.

\*

Pensei que poderia gostar da parte do trabalho que implica lançar coisas porque não há nada que eu faça melhor. Atirar bolas de basebol. Pedras. Torrões de terra. Jornais. Qualquer coisa.

Mas não é segredo nenhum que me atormentava a recolha do dinheiro dos jornais todas as sextas à noite. A ideia de ir bater à porta de alguém revolvía-me as entranhas. Detesto falar com pessoas que não me conhecem porque quando me veem julgam que sou um miúdo como outro qualquer. Dois olhos. Dois braços. Duas pernas. Cabelo à escovinha. Nada de especial. Mas basta abrir a boca para me transformar noutra coisa. A maior parte das pessoas

não se dá ao trabalho de tentar perceber qual é o meu problema e é provável que parta do princípio de que não bato bem da cabeça. Procuram livrar-se de mim o mais depressa possível.

O melhor que tenho a fazer quando as minhas entranhas ficavam inquietas é falar com a Mam. Que vive na garagem que fica nas traseiras da nossa casa.

Da cozinha conseguia ver que a luz ainda estava acesa. Sabia que devia estar a ler a Bíblia embora ela passasse mais tempo a olhar para as páginas do que a lê-las. Tinha-me ensinado a dizer com ela o Salmo 23 enquanto fazia deslizar o dedo ao longo da frase. Mas o dedo nunca acompanhava com grande exatidão aquilo que dizíamos.

Subi os degraus e bati à porta com o meu toque especial. Aquele que tem o mesmo ritmo que *Shave and a Haircut Two Bits*<sup>2</sup>.

— O que queres, Homenzinho?

— s-s-s-s-Preciso de s-s-s-s-falar.

— Mas depois tens de voltar pra casa e ir pra cama.

A Mam sabia que ir pedir o dinheiro dos jornais me era especialmente difícil, mas também sabia que eu preferia falar de tudo menos do que era importante.

— s-s-s-s-Nunca tens a s-s-s-sensação de que vai acontecer s-s-s-s-uma coisa má?

— Às vezes, Homenzinho. Em Coldwater, onde cresci, havia um velho que ganhava a vida a ler a sina.

---

<sup>2</sup> Popular sequência de sete notas, usada melodicamente no final de um espetáculo musical, geralmente com efeito cómico, ou ritmicamente, como uma batida de porta ou código Morse ( - · · · - · · ). [N. T.]

— s-s-s-s-Fala-me dele.

— Era um homem de barba branca e crespa. Lançava ossos de animais ao ar e lia a sina pela posição em que caíam. As pessoas diziam qu'era uma blasfémia dar ouvidos ao velhote de barbas, mas ele nunca se enganou.

— O que é s-s-s-s-que ele previu?

— Disse-me que havia de acontecer uma coisa má ao meu irmão mais velho. Nesse verão o meu irmão John afogou-se num ribeiro seco de Coldwater. Sem uma única gota de água.

— Como s-s-s-s é que se s-s-s-s-afogou?

— Ninguém sabe. O médico disse que havia mais água nos pulmões do pobre rapaz do qu'em todo o fosso.

Ao fim de um tempo acabei por dizer à Mam que talvez viesse a gostar de lançar os jornais pelo Rat, mas que a parte de pedir o dinheiro à sexta-feira me dava a volta à barriga.

— Eu vou contigo.

— s-s-s-s-Tenho de s-s-s-s-fazer isso s-s-s-s-sozinho.

— Chama-se a isso crescer, Homenzinho. Fico orgulhosa de ti.

A Mam disse que ainda tinha de acabar de limpar a cozinha e que voltava comigo para casa. Compreendi que só o fazia para ter a certeza de que eu não me ia abaixo.

Estávamos a entrar pela porta da cozinha quando o *Buick* do meu pai galgou o passeio e a minha mãe foi segurar a porta ao vê-lo tirar pastas enormes do banco de trás.

— O que acha do trabalho do Homenzinho, Sr. V.?

O meu pai olhou para mim e sorriu.

— Tenho a certeza de que será tão bom a lançar os jornais como é a lançar a bola de basebol.



Eu tinha falado ao meu pai na possibilidade de aceitar o trabalho e ele tinha dito que era bom ajudar um amigo.

Subi as escadas das traseiras com a Mam e passámos pela minha mãe no corredor. Estava a espalhar coisas na cara e no cabelo como fazia todas as noites no quarto em frente ao toucador.

— Boa noite, querido.

Quis dizer boa noite mas fiquei preso no *B* e percebi que também teria dificuldade em dizer o *N*. Por isso percorri o corredor até ao meu quarto com as palavras entaladas e sem vontade de brincar aos s-s-s-s. Era tarde e estava cansado.

A Mam pôs-me a roupa suja no cesto quando saí da casa de banho e foi ter comigo ao meu quarto. Deu-me uma palmadinha nos pés quando me deitei e desligou a luz antes de sair.

Há muito que tinha deixado de me dar um beijo de boas-noites na cabeça. E nem lhe pedi que deixasse de o fazer. Nunca era preciso dizer-lhe o que me ia na cabeça como a um adulto normal. Ela sabia sempre.

## Capítulo Dois

Na primeira segunda-feira da entrega os transportadores regulares foram chegando à estação dos jornais um pouco antes das três horas.

Eu já tinha pendurado os dois sacos de lona do *Press-Scimitar* na vedação de madeira do caminho de acesso como o Rat me havia dito.

A maioria dos transportadores tinha perto da minha idade. Mas alguns mais velhos tinham rotas que impediam grandes interferências por parte dos miúdos. Conhecia alguns da escola mas a maior parte vinha de partes da cidade que eu não conhecia.

Um rapaz mais velho com calças de ganga rasgadas e t-shirt preta foi estender os seus sacos na vedação ao meu lado.

— Onde é que está o Art?

— s-s-s-s-Vai estar fora... em s-s-s-s-julho.

Ele olhou-me com estranheza. Na minha cabeça, estava a dizer que o Rat ia estar fora no mês de julho para poder ir para a quinta dos avós. Era essa a minha ideia. Mas tinha de escolher palavras capazes de me sair da boca. A forma

como escolho as palavras e os sons numa frase nunca foi muito diferente do modo como contorno as garrafas partidas e os excrementos de cão no passeio.

— Aonde foi ele?

Não ia conseguir dizer *avós*. Só de pensar na palavra já começava a sentir o A enrolar-se na garganta.

— Quinta.

A palavra saiu-me da boca sem grande hesitação nem silvo. Por vezes conseguia fazer sair o Q com jeitinho.

— Que quinta?

Foi então que a carrinha branca do *Press-Scimitar* subiu o passeio e a porta da bagageira se abriu. Dirigi-me a ela para pegar nos primeiros molhos de jornais e não ter de continuar a falar com o miúdo.

Alinhei os meus molhos e puxei da minha navalha de cabo amarelo para cortar os cordões em volta dos jornais. A lâmina era longa e não estava muito afiada — podia fazê-la tocar-me nos dedos sem me cortar. Já há algum tempo que pensava afiá-la para não me atrasar a cortar os cordões. Apressei-me a dobrar os jornais um a um.

Tinha acompanhado o Rat tantas vezes que conhecia as casas de cor. Mas por via das dúvidas levava o caderno das entregas no bolso de trás dos calções.

Na zona de Memphis onde vivo os nomes das ruas estão escritos num azulejo azul embutido em betão em cada esquina. Apesar de conhecer os nomes de todas, gosto de os ler sempre que chego a uma rua. Vinton. Harbert. Carr. Melrose. Goodbar. Peabody.

As ruas são como amigos com quem não tenho de falar.

\*

A professora que os meus pais contrataram para me ajudar a falar havia-me dado alguns exercícios para praticar nas férias de verão. Explicou-me que as palavras que começavam por *B* ou *P* me eram especialmente difíceis porque exigiam que eu juntasse os lábios ao mesmo tempo que acumulava ar no interior da boca.

Disse que o problema estava no facto de os meus lábios se cerrarem como um punho e impedirem a passagem do ar. Quanto mais tentava dizer palavras que comessem por *B* ou *P* mais os meus lábios se juntavam.

O meu plano para estes exercícios era dizer uma palavra difícil sempre que atirava um jornal para junto de uma porta. Escolher as palavras e depois ouvi-las sair-me da boca enquanto atirava um *Press-Scimitar* era uma espécie de jogo.

Tinha escolhido uma boa palavra para dizer na casa seguinte da Harbert. A casa era em tijolo branco e tinha uma sebe densa a crescer ao longo da balaustrada do alpendre. Não quis correr o risco de atirar o jornal para cima dos arbustos. Por isso aproximei-me para o lançar de baixo e disse em voz normal:

— Porta.

A corrente do baloiço do alpendre estalou e pouco depois apareceu nos degraus uma mulher de roupão verde. Encarou-me e levou a mão à anca. Na outra mão segurava um copo com gelo. O seu longo cabelo ruivo estava preso no cimo da cabeça de forma irregular e a posição das pernas fazia lembrar a de um jogador de primeira base

e impedia que o roupão a cobrisse como deve ser. Estava descalça.

— O que é que me chamaste, rapaz?

Tive vontade de dar meia-volta e fugir, mas as minhas pernas não se mexeram. E a minha boca muito menos. A senhora desceu os degraus do alpendre.

— Eu ouvi-te chamares-me porca.

Fiquei onde estava e fiz que não com a cabeça.

— Não abanes a cabeça, rapaz, e diz-me que não me chamaste aquilo.

Avançou na minha direção com o copo na mão e fez tilitar os cubos de gelo. Nunca a tinha visto, apesar de morar a poucas ruas da minha casa. Não me lembrava do nome de cliente que vinha no caderno de entregas do Rat.

— O que se passa contigo? Não falas?

A mulher ruiva fitou-me como que para me mostrar que não sairia dali sem resposta.

— s-s-s-s-Estava só a s-s-s-s-p...

Tinha cometido o erro de tentar dizer *praticar*. Uma palavra começada por *P*. Voltei a tentar.

— s-s-s-s-Estava a s-s-s-s-treinar a s-s-s-s-fala.

A minha resposta saiu tão baixo que receei que ela não tivesse ouvido.

— Como? A treinar o quê? Chamares-me porca?

Continuei a abanar a cabeça como um cão-boneco na parte de trás de um carro.

— s-s-s-s-Não disse s-s-s-s-isso. Desculpe.

Deu um passo atrás e por pouco não se desequilibrou. O roupão voltou a abrir-se.

— Onde está o rapaz que costuma vir deixar o jornal?

— O s-s-s-s-Rat está na s-s-s-s-quinta.

Ao ouvir as palavras que me saíram da boca apercebi-me de que parecia que lhe tinha dito que algures no mundo havia ratazanas à solta numa quinta. As palavras nem sempre tinham o sentido que eu lhes queria dar mesmo quando conseguia dizê-las de uma forma minimamente aceitável.

— És aquele miúdo que costuma estar na paragem de autocarro com uma ama de cor?

Fiz que sim.

— s-s-s-s-Estou só a ajudar o meu s-s-s-s-amigo a fazer as s-s-s-s-entregas. s-s-s-s-Não disse isso que s-s-s-s-julga.

— Espero bem que não.

A princípio pareceu-me que o copo que ela tinha na mão só tinha água gelada, mas quando se aproximou senti o cheiro do uísque.

— Agora ouve bem.

Avançou na minha direção de dedo em riste e só esperei que não voltasse a desequilibrar-se.

— Não atires o jornal CONTRA a minha casa. Faz o favor de subir as escadas e de o deixar em frente da puor...ta como um cavalheiro.

Por algum motivo acrescentou um *U a porta*.

Fiz que sim com determinação. Ela ficou a estudar-me como se ainda tivesse alguma coisa a dizer mas tivesse ficado sem palavras. Afastei-me da casa e continuei a descer a Harbert.

Tinha a t-shirt ensopada em suor e os calções caqui encharcados como se tivesse tomado banho com eles. A partir

de então passei a subir aos alpendres e a atirar os jornais à socapa. Escusado será dizer que não voltei aos exercícios de palavras.

Quando acabei de atirar o último jornal do dia já tinha delineado um plano. Fui para casa a correr, subi as escadas e enfiei-me no quarto. Depois tirei uma folha em branco do caderno e enfiei-a na máquina de escrever.

A grande ventoinha do sótão rugia e havia uma brisa fresca a entrar pela janela. Fui consultar o nome da Herbert no caderno de entregas do Rat. Escrevi devagar e com cuidado para não ter de voltar atrás para apagar o que quer que fosse.

*Cara Sra. Worthington,*

*Quem lhe escreve este bilhete é o substituto do distribuidor de jornais com quem hoje falou no seu jardim. Peço muita desculpa por a ter perturbado. Estava a fazer os meus exercícios de fala enquanto atirava o jornal. O que eu disse pode ter parecido uma asneira, mas não era. Peço muita desculpa e prometo deixar o jornal exatamente onde quer que o deixe até ao fim de julho. E vou dizer ao verdadeiro distribuidor de jornais onde o deixar. Diga-me se houver mais alguma coisa que eu possa fazer este mês. Muito obrigado.*

*O substituto do seu distribuidor de jornais*

Disse mentalmente cada uma destas palavras uma e outra vez. Dobrei a folha em quatro. Na parte de fora escrevi a morada da Sra. Worthington com um lápis afiado.

1396 *Harbert*

Voltei à casa na rua Harbert, certifiquei-me de que a Sra. Worthington já não estava no baloiço do alpendre e enfiei o bilhete na caixa de correio preta ao lado da porta.

\*

Fez calor durante toda a semana. Mas na terça-feira consegui fazer as entregas em cerca de duas horas.

No n.º 1396 da Harbert preparava-me para deixar o jornal no sítio certo quando vi a Sra. Worthington espreitar pelo vidro da porta. Abriu-a e saiu para o alpendre. Vestia um vestido verde-vivo com um cinto preto brilhante.

Não costumo dar muita atenção aos vestidos que as senhoras usam mas este pareceu especial pela forma como se apertava a meio e parecia dividi-la em duas partes.

No primeiro dia tinha ficado com a ligeira impressão de que a Sra. Worthington teria mais ou menos a idade da minha mãe, mas desta vez pareceu-me mais nova. Quase tão nova como a irmã do Rat que ainda andava na faculdade.

Tinha um batom muito vermelho que fazia o seu sorriso parecer maior do que na verdade era e arranjava forma de tornar as pestanas mais compridas. Também tinha um tom verde nas pálpebras que quase combinava com o vestido. Fiquei a observar o movimento dos seus lábios enquanto falava como se fosse a primeira vez que via alguém proferir palavras.



— Rapaz, não quero que penses que sou antipática, mas deixaste-me um pouco perplexa quando aqui passaste daquela vez.

A sua voz tornou-se mais aguda ao dizer *perplexa* como se quisesse que eu prestasse atenção à palavra. Mas a verdade é que eu já estava a dar atenção a tudo o que ela estava a dizer.

Fiz por deixar sair muito Ar Suave antes de quase todas as palavras e disse-lhe que a culpa era toda minha e que ela não me devia qualquer pedido de desculpas. Ela disse que tinha gostado do meu bilhete e que era possível que o marido conhecesse o meu pai porque ambos trabalhavam no mesmo edifício no centro da cidade.

— O teu pai pilota o seu próprio avião?

— s-s-s-Sim, senhora. s-s-s-Mas é pequeno.

— Já andaste nele?

— s-s-s-Algumas vezes.

Pensei dizer *Trezentas mil vezes* mas não quis arriscar o *T* e de qualquer forma não me pareceu apropriado dizer *trezentas mil vezes* à Sra. Worthington.

— Aceitas uma limonada?

— s-s-s-Tenho de s-s-s-continuar.

No fundo apetecia-me ficar e conversar com ela mas até me estava a sair bem na fala em comparação com o primeiro dia e não quis correr o risco de estragar tudo.

— Passas aqui na sexta ao final da tarde?

Lembrei-me que o n.º 1396 da Rua Harbert fazia um pagamento mensal de acordo com o caderno de recolhas do Rat. Procurei contornar as palavras difíceis e tentei explicar à Sra. Worthington como devia funcionar a recolha.

— s-s-s-s-Paga ao s-s-s-s-mês. Não à semana.

Ela sorriu e fez algo que me surpreendeu. Tocou-me no nariz com o dedo indicador e deixou-o estar. Depois fez força como se fosse uma campanha.

— Acho que vou passar a pagar à semana. Assim não me perco tanto, querido.

— s-s-s-s-Então passo s-s-s-s-por cá na s-s-s-s-sexta.

— Então até amanhã, querido.

Na mesma semana passei de ouvir gritos a ser tratado por querido. A forma como dissera *querido* não tinha nada que ver com a forma como a minha mãe o dizia. A Sra. Worthington pareceu-me uma senhora diferente da segunda vez que a vi. Uma senhora muito bonita.

A caminho de casa comecei a desejar que o adivinho de Coldwater da Mam estivesse por ali para lançar ossos e para me dizer quem era a Sra. Worthington e por que razão eu queria tanto voltar a vê-la.



Livros que te surpreendem pela história,  
que te atraem pela imagem,  
que te conquistam pela mensagem,  
que se distinguem como estrelas brilhantes.

**LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO**



**«Não é por acaso que escrevo à máquina sobre a gaguez:  
não consigo falar. Sem gaguejar.»**

Em Memphis, uma cidade norte-americana dividida pelas questões raciais, um adolescente vive o mês de julho de 1959 com uma intensidade capaz de mudar a sua vida para sempre.

Contrariando a monotonia das férias, ele aceita substituir um amigo na entrega de jornais. A perspetiva de ganhar algum dinheiro agrada-lhe, mas ter de falar com pessoas que lhe são estranhas assusta-o. Gagueja, e isso envergonha-o. Aparentemente, o maior desafio que enfrenta é comunicar, mas alguns acontecimentos familiares e a relação com desconhecidos vão obrigá-lo a encarar os seus receios e a crescer muito mais depressa do que era suposto. Ao ser confrontado com novas experiências, risco de vida e revelações inesperadas, o rapaz descobre mais sobre si e sobre o mundo do que poderia imaginar.

**Um livro emocionante com personagens inesquecíveis.  
Fragilidade e bravura, violência e bondade, consciência e inocência  
numa obra inspiradora que agradará a leitores de todas as idades.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt  
 penguinkidspt

13+

ISBN 9789897875243



9 789897 875243 >